

CERVÍDEOS NA BÍBLIA HEBRAICA

CERVIDS IN THE HEBREW BIBLE

Matthias GRENZER é Doutor em Teologia pela Faculdade de Filosofia e Teologia St. Georgen em Frankfurt, Alemanha, e Mestre em História pela PUC-SP. Leciona na Faculdade de Teologia da PUC-SP e é líder do Grupo de Pesquisa TIAT (Tradução e Interpretação do Antigo Testamento).*

Resumo

Vinte e quatro vezes, a Bíblia Hebraica menciona os cervídeos. Em geral, essa milenar obra literário-teológica parece trazer o corço e a corça ao encontro de seus ouvintes-leitores, mas, possivelmente, também o gamo. Com isso, ora investe na descrição do ambiente natural e dos movimentos dos animais selvagens em questão, ora visa à alimentação e à procriação deles. Também se determina que a carne dos cervídeos pode ser consumida pelo ser humano, mesmo que esses animais não sirvam como sacrifício a ser ofertado a Deus. Além disso, os cervídeos são tidos como graciosos e amáveis, inspirando a pessoa na vivência de seu amor por alguém. De forma detalhada, a presente investigação procura descobrir como a Sagrada Escritura da comunidade judaico-cristã enxerga os cervídeos, procurando, inclusive, pelas conotações religiosas que acompanham os animais em questão. Com isso, o presente estudo se encaixa nas pesquisas comumente rotuladas de leitura verde da Bíblia.

Palavras-chave: Bíblia Hebraica. Animais selvagens. Leitura verde.

Abstract

Twenty-four times, the Hebrew Bible mentions cervids. In general, this ancient literary-theological work seems to bring roe deer and does to the attention of its listeners-readers, but possibly also fallow deer. In doing so, it focuses on describing the natural environment and the movements of the wild animals in question. At other times, it focuses on their feeding and procreation. It also determines that the meat of cervids can be consumed by humans, even if these animals do not serve as sacrifices to be offered to God. In addition, cervids are considered graceful and lovable, inspiring people to experience their love for someone. In detail, this research seeks to discover how the Holy Scripture of the Judeo-Christian community views cervids, including the religious connotations associated with these animals. Thus, this study fits into the research commonly labelled as a green reading of the Bible.

Keywords: Hebrew Bible. Wild Animals. Green Reading.

Introdução

Conforme estudos arquezoológicos (GILBERT, 2002, p. 24-26), três espécies da família dos cervídeos existiam no antigo Oriente Próximo e, com isso, em Israel: o cervo e a cerva (*Cervus elaphus*), o corço e a corça (*Capreolus capreolus*), o gamo e a gama (*Dama dama*).¹ Quais desses animais, no entanto, aparecem na *Bíblia Hebraica*, obra literário-religiosa que

* E-mail: mgrenzer@pucsp.br

¹ Veado/veada é o nome genérico para várias espécies de cervídeos nas Américas.

acolhe o mundo do Israel antigo e das culturas vizinhas, visando ao segundo e, sobretudo, ao primeiro milênio a.C.?

Em princípio, “o *habitat* é o nível mais fundamental da classificação animal no sistema utilizado pelos antigos hebreus” (DEYSEL, 2017, p. 231). Nesse sentido, os cervídeos pertencem aos animais terrestres, ao contrário dos animais que vivem no ar ou na água. Entre os animais terrestres, os cervídeos são animais do campo e, portanto, animais selvagens, em vez de animais domésticos. Além disso, estudos etimológicos dos nomes dados aos cervídeos podem ajudar na tentativa de identificá-los. Em especial, a descoberta da provável raiz verbal do substantivo em questão pode contribuir com a compreensão dele.

Eis uma primeira apresentação dos vocábulos a serem procurados na Bíblia Hebraica, sabendo-se que as traduções deles aqui propostas ainda precisam ser justificadas:

- “corço (**אַיִל**)” (Dt 12,15.22; 14,5; 15,22; 1Rs 5,3; Is 35,6; Sl 42,2; Ct 2,9.17; 8,14; Lm 1,6) – em Ct 2,9.17; 8,14, fala-se da “cria (**עַפְרָה**) dos corços (**הַאֲיָלוֹן**)” –,
- “corça (**אַיְלָת** ou **אַיְלָה**)” (Gn 49,21; 2Sm 22,34; Jr 14,5; Hab 3,19; Sl 18,34; 22,1; 29,9; Jó 39,1; Pr 5,19; Ct 2,7; 3,5) e
- “gamo (**נִקְמֹר**)” (Dt 14,5; 1Rs 5,3).

Existe a possibilidade de as palavras hebraicas “corço (**אַיִל**)” e corça (**אַיְלָת** ou **אַיְלָה**)” derivarem da raiz verbal “estar à frente, ser forte/poderoso (**אִיל** II)”, justamente por visar-se ao “corpo” e/ou à “galhada” como representantes das “forças sobrenaturais” desses animais (RIEDE, 2002, p. 178); no entanto, como verbo flexionado, a raiz verbal em questão não aparece na Bíblia Hebraica. O vocábulo “gamo (**נִקְמֹר**)”, por sua vez – assim como as palavras “jumento (**חַמּוֹר**)” e “barro, argila (**חַמּוֹר** III)” –, deriva da raiz verbal “estar vermelho (**חָמֵר** II)” (Jó 16,16), indicando “a pele vermelha” do “gamo” e/ou, também, do “corço” (RIEDE, 2002, p. 175).

Enfim, juntamente são vinte e quatro menções dos cervídeos na *Bíblia Hebraica*. Ao visitar todas elas, a presente investigação se propõe a descrever as aparências e os comportamentos desses animais que, na milenar literatura bíblica, ganham destaque. Com isso, no entanto, surge outra questão no horizonte: porventura, a Bíblia, junto às culturas vizinhas do antigo Israel, confirma uma “visão totalmente centrada no ser humano” (KEEL, 2001, p. 26) ou, contrariamente, favorece “uma proximidade fundamental entre os animais e os seres humanos” (THÖNE, 2016, p. 209)?

Ambiente natural e movimentos

Em diversos momentos, a *Bíblia Hebraica*, ao mencionar os cervídeos, traz o *habitat* desses animais selvagens ao encontro de seus ouvintes-leitores. Ora a “cria (**עַפְרָה**) dos corços (**אַיִלִים**)” é contemplada nos “montes (**הַרִים**) de Beter” (Ct 2,17), nos “montes (**הַרִים**) dos bálsamos” (Ct 8,14) e/ou, simplesmente, nos “montes (**הַרִים**)” e nas “colinas (**גֶּבֻּעוֹת**)” (Ct 2,8-9). Ora a “corça (**אַיִלָּה**)” é vista e/ou imaginada nas “alturas (**כָּמֹתָה**)” (2Sm 22,34; Hab 3,19; Sl 18,34). Também se visa às “corças (**אַיִלּוֹת**) do campo (**שָׂמֵן**)” (Ct 2,7; 3,5).

Ao observar esses animais dentro de seu *habitat*, descobre-se também a agilidade com que se movem, inclusive em terrenos íngremes. Nesse sentido, o livro do profeta Isaías cultiva a esperança de que um “manco (**חֲפָא**)” volte a “saltar (**לָלֶג**) como o corço (**אַיִל**)” (Is 35,6). Um “selo cilíndrico” ou “rolante da Assíria Média”, pertencente ao “século XIII a.C.” (KEEL, 1992, p. 95), ilustra essa imagem (Figura 1).



Figura 1: Cervídeo em movimento, século XIII a.C.

Com isso, de um modo ainda mais específico, os “pés das corças (**אַיִלּוֹת**)” (2Sm 22,34; Hab 3,19; Sl 18,34) se tornam imagem de quem sabe pisar com firmeza, equilíbrio e “força” (Hab 3,19), mesmo em terrenos exigentes. No caso, cervídeos são artiodátilos, isto é, ungulados com um número par de dedos. Impressiona também a velocidade com que esses animais se movem. Assim, no final do Cântico dos Cânticos, a amada ordena ao amado: “Foge e, sobre os montes dos bálsamos, torna-te parecido com uma gazela (**צָבֵב**) ou como a cria (**עַפְרָה**) dos corços (**אַיִלִים**)” (Ct 8,14). Talvez algo semelhante valha para “Neftali”, tribo descrita como “corsa

(אֵלָה) libertada” ou “enviada (נִלְחַשׁ)” (Gn 49,21). Novamente, uma imagem ajuda a ilustrar o movimento de um cervídeo em velocidade. Trata-se de um entalhe em marfim de Kamid el-Loz, do Líbano, dos séculos XIV a XIII a.C. (Figura 2).

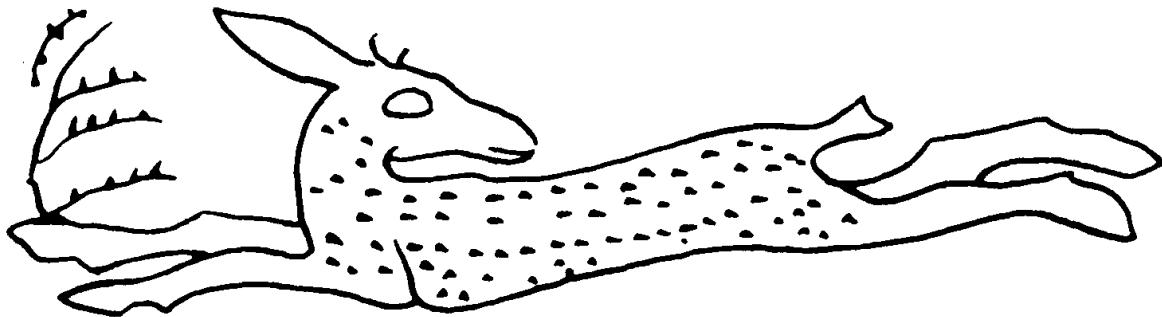


Figura 2: Cervídeo em fuga, séc. XIV-XIII a.C.

Ao ver essa imagem, novamente seja lembrado o que se ouve ou lê em Ct 2,8-9: o “amado (דָוִד)”, como uma “gazela (אֲבִי)” e/ou “a cria (עֶפֶר) de corços (הָאַיִלִים)”, “pula (מַזְלָג) sobre montes (עַל) e salta (צָפַק) colinas (הַרְבָּרוֹת)”. Contudo, outros aspectos fazem parte da vida dos cervídeos.

Alimentação e procriação

Seres vivos precisam alimentar-se. Em vista disso, no Cântico dos Cânticos, o “amado” assemelha-se à “cria (עֶפֶר) dos corços (הָאַיִלִים)” como “quem pasta (הַרְשָׁה) entre lírios” (Ct 2,16-17). Contrariamente, o livro das Lamentações olha para os “príncipes” do povo de Deus “como corços (ימ) que não encontraram pasto (מַרְשָׁה)” e, por causa disso, estão “sem força (בְּלֹא-) (נָכַן)” (Lm 1,6). Com outras palavras, conhece-se a situação em que, para “a corça (הָאַיִל) no campo (בְּשָׂדָה)”, que é um animal herbívoro, “não há mais nenhum verde (אַשְׁדָּה)” (Jr 14,5).

Além de pastagem, cervídeos precisam ter acesso à água. O início do Salmo 42 ilustra essa necessidade, quando o orante descreve sua ânsia por Deus trazendo a imagem do animal aqui investigado: “Como uma corça (הָאַיִל) anseia (צָרָג) por leitos de água (מִים), assim minha alma anseia por ti, ó Deus” (Sl 42,2).² Talvez também o aviso inicial no Salmo 22 –

² A primeira palavra no v. 2a gera certa dificuldade. Prefixada pela preposição “como (בְּ)”, ela introduz, de forma destacada na primeira posição, o animal. Em princípio, trata-se do substantivo masculino singular “corço (אַיִל)”. Tanto o *Códice de Aleppo*, manuscrito de 930 d.C., como o *Códice de Leningrado*, manuscrito de 1008 d.C.,

“Segundo a corça (**עַל־אִילָת**) da aurora (**הַשְׁחָר**)” (Sl 22,1) – tenha em mente a necessidade desse animal noturno, quando, antes de retirar-se para o bosque no final da madrugada, ainda procura por um leito de água para beber. Outra vez a iconografia do antigo Oriente Próximo ajuda na compreensão do texto bíblico. Uma escultura em marfim de *Arslan Tash*, na Síria, pertencente ao Império Neo-Assírio, século VIII a.C., mostra um cervídeo com a cabeça abaixada e a língua para fora (KEEL, 1996, p. 300), aparentemente à procura de água (Figura 3).

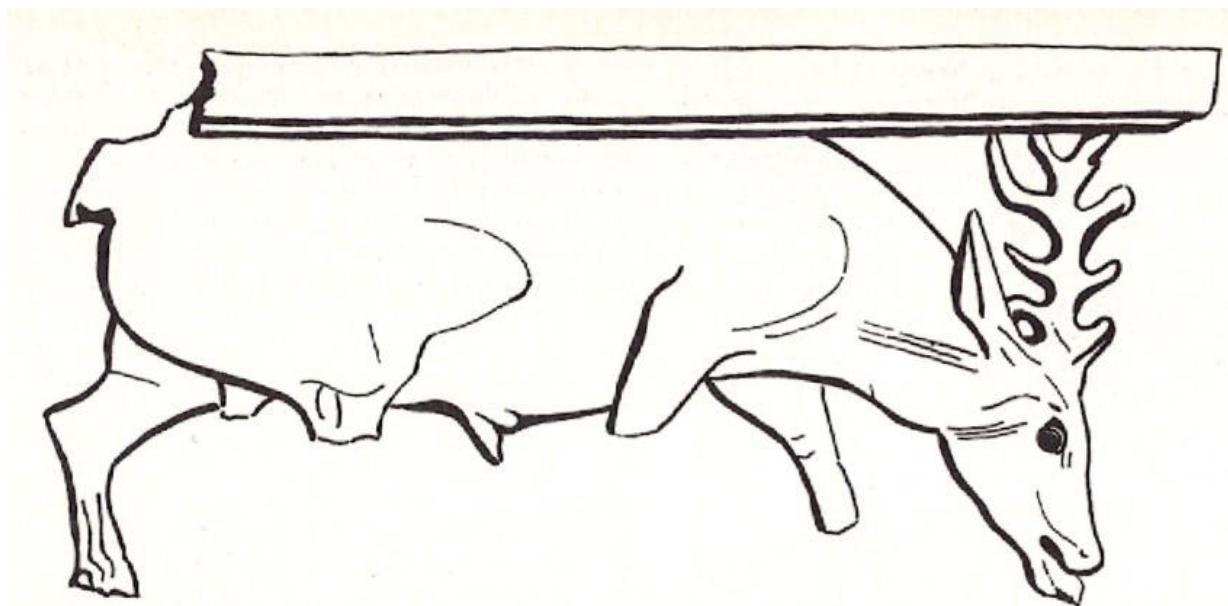


Figura 3: Cervídeo que pasta e/ou bebe, século VIII a.C.

Combina também com essa imagem o que se ouve ou se lê no livro do profeta Isaías. Ao visar ao momento de restauração, o “manco salta como o corço (**עֲזֵץ**), [...] porque irromperam águas no deserto e torrentes na estepe” (Is 35,6). Isto é, como a água fresca em meio ao ambiente seco devolve a vida ao cervídeo, assim o aleijado recupera o seu movimento.

Além disso, vale observar como a Bíblia Hebraica, em três momentos, contempla o momento de as corças darem à luz. No caso, uma das perguntas feitas pelo Senhor a Jó é:

trazem essa leitura. Ambos os manuscritos leem “como um corço (**לְאֵלָה**)”. No entanto, logo em seguida, o verbo “anseia (**גַּזְעֵנָה**)” é flexionado na terceira pessoa singular feminina. Aparentemente, surge uma incompatibilidade, uma vez que o hebraico tem formas diferentes para a terceira pessoa masculina e feminina do verbo. Com isso, a *Biblia Hebraica Stuttgartensia* (ELLIGER; RUDOLPH, 1997, p. 1124), edição crítica comumente usada no mundo acadêmico, numa nota de rodapé, indica a seguinte variante: “leia **כְּאֵלָה**”, ou seja, “como uma corça”. Afirma-se que o copista possa ter omitido a letra *tav* (**ת**), observando-se, portanto, uma haplografia. Contudo, também é possível que se trate de um “uso epiceno de ‘corço (**לְאֵלָה**)’ masculino”, referindo-se, assim, à corça (BÖHLER, 2021, p. 770). Coisa semelhante ocorre em português, quando um carneiro é chamado de ovelha ou uma cadela, de cão (em relação aos “nomes epicenos” hebraico bíblico, cf. WALTKE; O’CONNOR, 2006, p. 107-109).

“Observas corças (**אַיִלּוֹת**) fazer ter dores de parto? Contas como completam os meses e conheces o tempo de elas darem à luz, quando se curvam, parem as crias delas e mandam embora suas dores? Seus filhotes enrobustecem, tornam-se grandes no descampado, sem que retornassem” (Jó 39,1-4). Quer dizer, Deus se apresenta como quem “conhece os negócios mais secretos desses seres arredios e fáceis de assustar”, inclusive “os supervisiona” (KEEL, 1978, p. 83). Ao mesmo tempo, segundo as palavras do orante no Salmo 29, “‘a voz do SENHOR’, ao trazer a tempestade e, com isso, a água da chuva capaz de renovar a natureza, estimula esses animais selvagens a procriarem, ‘fazendo corças (**אַיִלּוֹת**) darem à luz’ (v. 9a)” (GRENZER; SANTOS; AMORIM, 2025). Além disso, o profeta Jeremias observa a seguinte acontecimento: “A corça (**אַיִלָּה**) no campo deu à luz e abandonou, porque não houve verde” (Jr 14,5).

Resumindo, ao contemplar como os cervídeos se alimentam e procriam, os textos pertencentes à *Bíblia Hebraica* se tornam sensíveis à sobrevivência exigente e, por vezes, ameaçada desses animais selvagens, mas também destacam o quanto Deus se propõe a preservá-los.

Carne comestível

Ao mesmo tempo, diversas formulações jurídicas no livro do Deuteronômio permitem que a carne dos cervídeos seja comida pelo ser humano. No entanto, ora o manejo de sangue exige atenção, ora é preciso ter clareza a respeito da diferença entre o sacrifício religioso, isto é, o abate ritual, e o abate profano. Afinal, em Israel, nenhum animal selvagem pode ser ofertado como sacrifício a Deus. Pelo contrário, somente um “animal doméstico (**בָּהֶמֶת**)”, isto é, algo do “gado grande (**רֶקֶב**)” ou do “gado pequeno (**גַּזְצֵל**)” (Lv 1,2) pode ser ofertado a Deus. Portanto, cervídeos, como animais selvagens, somente profanamente podem ser abatidos.

Eis a lei no Pentateuco que, pela primeira vez, menciona um cervídeo: “Somente conforme todo desejo de tua alma, de acordo com a bênção do SENHOR, teu Deus, a qual deu a ti em todos os teus portões, abaterás e comerás carne. O impuro e o puro a comerão, como a gazela e como o corço” (Dt 12,15). A presente formulação jurídica pressupõe o abate de animais selvagens na caça e o costume de comer a “carne (**בָּשָׂר**)” de “gazela (**אַבְנֵי**)” e “corço (**לִיאָה**)” (Dt 12,15; cf. também Dt 15,22). E isso sem que “fosse necessária uma pureza ritual” (BRAULIK, 1986, p. 99). Todavia, o legislador israelita tem agora a seguinte situação em vista: após a centralização do culto em Jerusalém, de forma semelhante ao que ocorre com gazela e corço durante a caça, permite-se o abate profano de animais domésticos nos mais diversos lugares

habitados pelo povo, sendo que, antes dessa centralização, o abate de qualquer animal, aparentemente, sempre tenha sido um ato ritual.

Com outras palavras, a lei deuteronômica parte do conhecimento de que, “há milhares de anos, a diversificada fauna nativa do sul do Levante era explorada como alimento” e, dado confirmado pela “arqueologia, animais com cascos eram consumidos, de um modo específico o corço (*Cervus capreolus*), o gamo (*Dama mesopotamicus*) e o cervo-vermelho (*Cervus elaphus*)” (FULTON; HESSE, 2022, p. 176). Além disso, o legislador israelita usa o mesmo verbo “abater, imolar, sacrificar (בָּנָה)” para o abate profano (Dt 12,15.21) e para o abate cultural como parte de um rito religioso ou litúrgico, com a presença de altar e sacerdote (Dt 15,21; 16,2.4.5.6; 17,1; 18,3; 27,7). Contudo, mesmo diante da “dessacralização” (OTTO, 2016, p. 1184) do abate profano para comer a carne, “o sangue deve ser tratado separadamente” (BRAULIK, 1986, p. 99). Vale a seguinte máxima: “Apenas não comereis o sangue! Como a água, demarrá-lo-ás sobre a terra!” (Dt 12,16).

Logo em seguida, outra lei deuteronômica, novamente, menciona o consumo da carne cervídea. Ou seja, quando um israelita diz: “Quero comer carne!”, lhe é dito: “Podes comer carne!” (Dt 12,20). Como? Mesmo longe de Jerusalém, “lugar escolhido pelo SENHOR para ali instalar seu nome”, vale a seguinte regra: “Abaterás do teu gado grande (בָּקָר) e de teu gado pequeno (גַּזְעֵל) [...] e, entre teus portões, comerás conforme todo desejo de tua alma” (Dt 12,21). “De certo, como se come a gazela e o corço (לִיאָ), comerás” a carne dos animais domésticos (Dt 12,22). Vale lembrar aqui que a gazela não pertence à família dos cervídeos, mas sim à dos bovídeos.

No mais, também o catálogo de animais considerados puros, aptos para o consumo de sua carne, menciona, em meio ao “gado grande (בָּקָר)” (Dt 14,4), dois cervídeos: “corço (לִיאָ)” e “gamo (גַּמְוֵר)” (Dt 14,5). Assim, não surpreende que, da “provisão de Salomão para um dia” (1Rs 5,2), pensando na corte inteira, façam parte o “corço (לִיאָ)” e o “gamo (גַּמְוֵר)” (1Rs 5,3). Enfim, todo ser humano precisa alimentar-se. Com isso, ao permitir comer carne, fonte importante de proteína, a *Bíblia Hebraica* contempla os cervídeos, justamente em sua qualidade de fornecer essa comida saborosa e nutritiva. Ou seja, corço e corça, gamo e gama são animais que se tornam alimento para outros animais e para o ser humano.³

³ Seja lembrado, no entanto, que a *Bíblia Hebraica*, contemplando-se o conjunto de suas tradições, restringe a matança de animais. Ensina-se que “os animais não foram criados apenas para serem explorados pelos seres humanos”, mas que, “segundo a ordem prevista por Deus para a terra, os animais gozam do direito à vida e tem valor próprio” (NEUMANN-GORSOLKE, 2016, p. 65).

Amabilidade

Na *Bíblia Hebraica*, animais se tornam representantes de pessoas. Ora as aparências desses seres não humanos, ora seus comportamentos dão origem à identificação e/ou à comparação. Nesse sentido, um dos ditos no livro dos Provérbios “foca na esposa, chamando-a com nomes de animais” (BELLIS, 2018, p. 55). Isto é, ao “filho” que deve inclinar-se à “sabedoria (*הַחֲכָמָה*)”, ao “entendimento (*חִכּוֹנָה*)”, aos “planejamentos (*חִזְמָה*)” e ao “conhecimento (*תֵּדַעַת*)” (Pr 5,1), aconselha-se: “Alegra-te com a mulher de tua juventude” (Pr 5,18). Logo a seguir, em “linguagem de amor, a esposa é retratada” (CLIFFORD, 1999, p. 71-72) como “corça (*אֵילָת*) de amores (*אֶחָבָה*)” e graciosa cabra montesa (*עִזְלָת-הַרְןָה*)” (Pr 5,19). Formulam-se ainda dois desejos: “Que as carícias dela te embriaguem o tempo inteiro! Que o amor dela te arrebatte continuamente!” (Pr 5,19).⁴

Como, no entanto, entender a expressão “corça de amores” (Pr 5,19)? Ao contemplar o contexto imediato, um conjunto de vocábulos e/ou imagens, envolvendo o líquido mais precioso e dois animais selvagens, domina o dito proverbial em Pr 9,15-19: “água (*מַיִם*)”, “cisterna (*בָּור*)”, “fluidos” ou “torrentes (*נוֹזָלִים*)”, “poço (*בָּאָר*)”, “mananciais (*מַעֲנָנִים*)”, “canais de água (*פְּלִגִּים*)”, “fonte (*קֹזֶרֶת*)”, “corça (*אֵילָת*)” e “cabra montesa (*עִזְלָת*)”. Observa-se um “campo semântico” que “submerge o leitor num contexto simbólico plural: frescor, prazer, satisfação, vitalidade, fertilidade” (ALONSO SCHÖKEL; VILCHEZ LINDEZ, 1984, p. 206). Nesse contexto, aparece a “mulher da juventude” (Pr 5,18), que se tornou esposa. Ao contrário da “forasteira (*גְּבָרִיהָ*)” (Pr 5,20; 7,5), da “mulher (*הַשָּׁׁנָה*) estranha (*זָרָה*)” (Pr 2,16; 7,5), da “mulher (*הַשָּׁׁנָה*) meretriz (*זָנוֹה*)” (Pr 6,26), da “mulher (*הַשָּׁׁנָה*) de [outro] homem (*שָׁׁנָה*)” (Pr 6,26), da “mulher (*הַשָּׁׁנָה*) do companheiro (*צָרָעָה*)” (Pr 6,29) e/ou da “mulher (*הַשָּׁׁנָה*) adúltera (*אֲנָפָת*)” (Pr 30,20), conforme a sabedoria defendida pelos Provérbios, ela, “a mulher da juventude, é a corça de amores” (Pr 5,19), ou seja, linda e cheia de carinhos a oferecer. Ou seja, a cervídea mencionada é expressão de beleza, graciosidade e/ou amabilidade. Ou, com outras palavras: “A corça amável transmite a ideia da juventude e da graça física”, mas também da “capacidade de exprimir e de viver o amor (cf. também Os 8,9 e Pr 7,18)” (PINTO, 2018, p. 72).

De forma semelhante, o Cântico dos Cânticos explora a presença do corço e da corça. O “amado (*דָּוִד*) se parece com a cria (*עַפְרָה*) de corços (*הַאֲיָלִים*) atrás da parede”, isto é, da casa em

⁴ Surpreende que os dois animais mencionados em Pr 5,19, em diversos comentários, não ganham atenção no momento de interpretar-se o provérbio em questão (BELLIS, 2018; CLIFFORD, 1999; KIDNER, 1980), embora, no momento da tradução, se reconheça que “a esposa é uma corça amada, uma graciosa gazela” (MCKANE, 1970, p. 319). Mais surpreendente ainda é que uma pesquisa temática sobre “Imagens de animais no Livro dos Provérbios” (FORTI, 2008) não considera a “corça” em Pr 5,19.

que se encontra a amada, “olhando pelas janelas e espiando pelas grades” (Ct 2,9). “O ponto de comparação, provavelmente, seja sua agilidade em correr para ela” (ZAKOVITCH, 2004, p. 148). Juntamente, por ser um “animal selvagem e indomável”, torna-se “expressão de natureza livre”, além de tratar-se de “um animal pequeno e jovenzinho”, com uma “agradável beleza juvenil” (LUZARRAGA, 2005, p. 264-265). Além disso, a amada vê seu “amado (**צָדְקָה**)” como “quem pasta (**רֹאשֶׁת**) entre os lírios (**בְּשִׂירִים**)”, pedindo que ele “se torne parecido com a cria (**עַפְרָה**) de corços (**בָּאֵילִים**) sobre os montes de Beter”, “voltando-se” para ela e/ou “circundando-a” (Ct 2,16-17). Em vista disso, cabe apresentar aqui outra imagem, aproveitando que “corças em busca de alimento e água se encontram em selos hebraicos dos séculos VIII/VII a.C.”, e isso “junto a nomes de homens, aqui de um homem chamado Jirmejahu (Jeremias)” (SCHROER, 2018, p. 558-559).



Figura 4: Corça que pasta, com a inscrição “Para Jeremias (**ל יְרֵמַי**?)”, séc. VIII/VII a.C.

Além disso, também no Cântico dos Cânticos, o amado ou a amada chega a “conjurar as filhas de Jerusalém pelas gazelas (**בָּצָבָאות**) ou pelas corças (**בָּאֵילָות**) do campo (**הַשָּׂמֶן**)”, a fim de que “não despertem ou não façam o amor despertar até que ele o pretenda” (Ct 2,7; 3,5). De forma nítida, as dimensões humanas, ambientais e divinas da paixão sentida pelo casal se entrelaçam. Ora o ambiente do “campo (**הַשָּׂמֶן**)”, em contraste com o mundo urbano construído pelo ser humano, expressa a natureza selvagem, deixando claro que o “amor não vem da cidade, não é criação do homem, pois ele carrega dentro de si a força anárquica e vital dos animais selvagens” (BARBIERO, 2011, p. 92); ora o amor sentido pelo casal ganha conotações divinas. No caso, vale, inclusive, lembrar que, de um lado, “no contexto oriental antigo, gazela e corça são animais simbólicos de deusas do amor”, mas que, de outro lado, a pronúncia dos vocábulos hebraicos “gazelas (**בָּצָבָאות**)” e “corças (**בָּאֵילָות**) do campo (**הַשָּׂמֶן**)” (Ct 2,7; 3,5) traz o “SENHOR (**הָיְהָ**) dos Exércitos (**בָּבָאנָות**)” (Sl 24,10) e o “Todo-Poderoso (**כָּלְלָה**)” (Gn 17,1), isto é, o Deus de Israel à memória do ouvinte-leitor (SCHWIENHORST-SCHÖNBERGER, 2015, p. 75-76).

Enfim, “jurar pelas forças da natureza é jurar pelo próprio Senhor”, até no sentido de que, “por trás das forças da natureza, se vislumbra a divindade” (BARBIERO, 2011, p. 92-93).

Considerações Finais

Assim como o olhar para outros seres não humanos – ar, água, solo, temperatura, vegetais e animais –, o estudo dos cervídeos na *Bíblia Hebraica* revela o quanto essa literatura religiosa, acolhida como *Sagrada Escritura* e/ou *Palavra de Deus* pela comunidade judaico-cristã e, a partir disso, patrimônio cultural da humanidade, se interessa pelo ambiente.⁵ “Mais de duzentos vocábulos relacionados a animais podem ser encontrados nos escritos bíblicos” (NEUMANN-GORSOLKE, 2016, p. 49). É inclusive uma oportunidade, sobretudo para os urbanos, de trazer os animais de volta à reflexão do ser humano e, assim, à vida dele, ora para este último redimensionar sua relação com os seres não humanos e, assim, com o ambiente, ora para aproximar-se ao mistério de Deus. Afinal, a natureza, compreendida como criação, remete seu expectador ao Criador divino.

No caso, cervídeos são animais selvagens. Visto que, “no antigo Israel”, existe “uma superioridade ainda ameaçadora dos animais selvagens sobre os humanos” (SCHROER, 2010, p. 120), experimenta-se, portanto, uma maior distância e/ou diferença entre, de um lado, a terra cultivada pelo ser humano e, de outro lado, a região selvagem, isto é, a mata virgem, os bosques, o deserto e/ou o campo aberto. Mesmo assim, ao verificar as vinte e quatro menções de cervídeos na *Bíblia Hebraica*, é possível descobrir o quanto esses textos milenares, no que se refere ao ser humano, insistem numa postura marcada pela proximidade, pela admiração, pela disponibilidade de aprender e, o mais importante, pelo respeito às criaturas em questão.

Com outras palavras, com as suas menções do “corço (*אַיִל*)” ou da “cria do corço” (Dt 12,15.22; 14,5; 15,22; 1Rs 5,3; Is 35,6; Sl 42,2; Ct 2,9.17; 8,14; Lm 1,6), da “corça (*לְבָשָׂר* ou *לְבָשָׂר אֲלֵין*)” (Gn 49,21; 2Sm 22,34; Jr 14,5; Hab 3,19; Sl 18,34; 22,1; 29,9; Jó 39,1; Pr 5,19; Ct 2,7; 3,5) e do “gamo (*נִקְרָע*)” (Dt 14,5; 1Rs 5,3), a *Bíblia Hebraica* convida seus ouvintes-leitores a meditarem ora o ambiente natural e os movimentos, ora a alimentação e a procriação dos cervídeos. Além disso, justamente o fato de a carne dos cervídeos tornar-se alimento para o ser

⁵ Cf. os estudos sobre “erva, bovino selvagem, tamareira e cedro” (GRENZER, 2020), “água” (GRENZER; RAMOS, 2020), “árvores” (GRENZER; AGOSTINHO, 2021), “rãs” (GRENZER, 2022), “pássaros” (GRENZER; BARROS; DANTAS, 2022), “catástrofe climática” (GRENZER, 2022), “morte de gado” (GRENZER, 2023), “fuligem” (GRENZER, 2023), “gafanhotos” (GRENZER; FERNANDES, 2023), “ázimos” (GRENZER; DIAS, 2023), “sal” (GRENZER, 2023), “peixes” (GRENZER; GROSS, 2023), “mosquitos” (GRENZER, 2024), “locusts” (GRENZER, 2024), “corvo” (GRENZER; DIAS; DEUS, 2025), “ouro” (GRENZER; BOSSI, 2025) e “moscaria” (GRENZER, 2025).

humano, deveria gerar o sentimento de gratidão e respeito a quem perde sua vida pelo outro. Por fim, a graciosidade dos cervídeos, trazendo o belo e a vida abundante ao encontro do ser humano, torna esses animais amáveis. Favorecem-se, assim, relações com o olhar contemplativo para a natureza: entre os seres humanos e os seres não humanos, entre homem e mulher, entre Deus e todas as suas criaturas.

Referências Bibliográficas

- ALONSO SCHÖKEL, Luís; VILCHEZ LINDEZ, José. **Proverbios**. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1984.
- BARBIERO, Gianni. **Song of Songs**. A Close Reading. Leiden: Brill, 2011.
- BELLIS, Alice Ogden. **Proverbs**. Collegeville: Liturgical Press, 2018.
- BÖHLER, Dieter. **Psalmen 1–50**. Freiburg: Herder, 2021.
- BRAULIK, Georg. **Deuteronomium 1–16,17**. Würzburg: Echter, 1986.
- CLIFFORD, Richard J. **Proverbs**. A Commentary. Louisville: Westminster John Knox Press, 1999.
- DEYSEL, Lesley Claire Frances. **Animal names and categorisation in the Hebrew Bible: a textual and cognitive approach**. Pretoria: University of Pretoria, 2017.
- ELLIGER, Karl; RUDOLPH, Wilhelm (eds.). **Biblia Hebraica Stuttgartensia**. 5. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.
- FORTI, Tova L. **Animal Imagery in the Book of Proverbs**. Leiden: Brill, 2008.
- FULTON, Deirdre N.; HESSE, Paula Wapnish. **Underrepresented Taxa: Fish, Birds, and Wild Game**. In: Ju, Janling; Shafer-Elliott; Cynthia; Meyers, Carol. **The T&T Handbook of Food in the Hebrew Bible and Ancient Israel**. London: T&T Clark, 2022, p. 171-180.
- GILBERT, Allan S. **The Native Fauna of the Ancient Near East**. In: Collins, Billie Jean (edt.). **A History of the Animal World in the Ancient Near East**. Leiden: Brill, 2002, p. 3-75.
- GRENZER, Matthias; SANTOS, George Matheus Costelletos Braga dos; AMORIM., Eduardo de. **A contemplação do ambiente no Salmo 29**. Encontros Teológicos, v. 40, n. 3, 2025 (no prelo).
- GRENZER, Matthias. **Erva, bovino selvagem, tamareira e cedro**. Ecoespiritualidade no Salmo 92. Atualidade Teológica, v. XXIV, p. 66-86, 2020.
- GRENZER, Matthias; RAMOS, Marivan Soares. **Água nos Salmos**. Elementos para uma ecoespiritualidade. Revista Eclesiástica Brasileira, v. 80, n. 317, p. 750-763, 2020.
- GRENZER, Matthias; AGOSTINHO, Leonardo Henrique Silva. **Árvores nos Salmos**. Elementos para uma educação espiritual e ambiental. Encontros Teológicos, v. 36, p. 439-456, 2021.
- GRENZER, Matthias. Econarratividades exodais. **A praga das rãs em Ex 7,26–8,11**. In: Guimarães, Edward; Sbardelotti, Emerson; Barros, Marcelo (orgs.). **50 anos de Teologias da Libertaçāo**. Memória, revisão, perspectivas e desafios. São Paulo: Recriar, 2022, p. 129-142.

- GRENZER, Matthias; BARROS, Paulo Freitas; DANTAS, José Ancelmo Santos. **Pássaros nos Salmos.** Elementos para uma ecoespiritualidade. Revista Eclesiástica Brasileira, v. 82, n. 321, p. 115-129, 2022.
- GRENZER, Matthias. **Aprendizados com a catástrofe climática (Ex 9,13-35).** Perspectiva Teológica, v. 54, n. 2, p. 375-391, 2022.
- GRENZER, Matthias. **A morte do gado (Ex 9,1-7).** Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana, v. 89, n. 1, p. 80-92, 2023.
- GRENZER, Matthias. **Fuligem.** Econarratividades em Ex 9,8-12. Cadernos de Sião, v. 4, n. 1, p. 8-18, 2023.
- GRENZER, Matthias; FERNANDES, Leonardo Agostini. **Gafanhotos na Bíblia Hebraica.** Suas dimensões socioambientais e teológicas. Revista de Cultura Teológica, v. XXXI, n. 105, p. 115-130, 2023.
- GRENZER, Matthias; DIAS, Dêvisson Luan Oliveira. **Ázimos como ecoteologia exodal.** Revista Brasileira de Interpretação Bíblica (ReBIBlica), v. 4, p. 606-620, 2023.
- GRENZER, Matthias. **O sal na Bíblia Hebraica.** In: SOTER. Anais do 35º Congresso Internacional da SOTER: A Amazônia e o futuro da humanidade. Povos originários, cuidado integral, questões ecossociais. Belo Horizonte: SOTER, 2023, p. 508-514.
- GRENZER, Matthias; GROSS, Fernando. **Os peixes na reflexão ecoteológica da Bíblia Hebraica.** Fronteiras, v. 6, n. 2, p. 214-227, 2023.
- GRENZER, Matthias. Mosquitos. **Econarratividades em Ex 8,12-15.** In: IV SIMPEB. Anais. NEF, Boris Agustín Ulloa; ARAÚJO, Gilvan Leite de; GRENZER, Matthias (orgs.). Bíblia e Ecologia Integral. IV Simpósio Paulista de Estudos Bíblicos. Anais. São Paulo: PUC-SP, 2024, p. 161-168.
- GRENZER, Matthias. **Locusts.** Econarrativities in Exod. 10:1-20. Stellenbosch Theological Journal, v. 10, n. 1, p. 1-17, 2024.
- GRENZER, Matthias; DIAS, Luciano José; DEUS, Robersom Costa de. **O corvo.** Um exercício bíblico de ecoespiritualidade. Vida Pastoral, v. 66, n. 362, p. 4-9, 2025.
- GRENZER, Matthias; BOSSI, Dário. **O ouro na Amazônia e na Bíblia.** Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana, v. 95, n. 1, p. 185-199, 2025.
- GRENZER, Matthias. **A moscaria.** Leitura verde da narrativa em Ex 8,16-28. Revista Bíblica (Argentina), v. 87, n. 1-2, p. 7-23, 2025.
- KEEL, Othmar. **Tiere als Gefährten und Feinde.** In: Keel, Othmar; Staubli, Thomas. "Im Schatten deiner Flügel". Tiere in der Bibel und im Alten Orient. Freiburg: Universitätsverlag, 2001, p. 26-27.
- KEEL, Othmar. **Die Welt der altorientalischen Bildsymbolik und das Alte Testament.** Am Beispiel der Psalmen. 5. ed. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1996.
- KEEL, Othmar. **Das Hohelied.** 2. ed. Zürich: Theologischer Verlag, 1992.
- KEEL, Othmar. **Jahwes Entgegnung an Ijob.** Eine Deutung von Ijob 38–41 vor dem Hintergrund der zeitgenössischen Bildkunst. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1978.
- KIDNER, Derek. Provérbios. **Introdução e comentário.** São Paulo: Vida Nova; Mundo Cristão, 1980.

LUZARRAGA, Jesús. **Cantar de los Cantares.** Sendas del amor. Estella: Editorial Verbo Divino, 2005.

MCKANE, William. **Proverbs.** London: SCM Press, 1970.

NEUMANN-GORSOLKE, Ute. **In eure Hand sin sie gegeben ...** "Tiertötung im Alten Testament. In: Joachimides, Alexis; Milling, Stephanie; Müllner, Ilse; Thöne, Yvonne Sophie Thöne (eds.) Opfer- Beute- Hauptgericht. Tiertötungen im interdisziplinären Diskurs. Bielefeld: Transcript, 2016, p. 47-67.

OTTO, Eckhart. **Deuteronomium 12,1–23,15.** Freiburg: Herder, 2016.

PINTO, Sebastiano (org.). **Provérbios.** Introdução, tradução, comentário. São Paulo: Loyola, 2018.

RIEDE, Peter. **Im Spiegel der Tiere.** Studien zum Verhältnis von Mensch und Tier im alten Israel. Freiburg; Göttingen: Universitätsverlag; Vandenhoeck & Ruprecht, 2002.

ROSS, Allen P. **A Commentary on the Psalms.** Volume 2 (42–89). Grand Rapids: Kregel, 2013.

SCHROER, Silvia. **Die Ikonographie Palästinas/Israels und der Alte Orient.** Eine Religionsgeschichte in Bildern. Band 4: Die Eisenzeit bis zum Beginn der achäminidischen Herrschaft. Basel: Schwabe, 2018.

SCHROER, Silvia. **Du sollst dem Rind beim Dreschen das Maul nicht zubinden.** "(Dtn 25,4). Alttestamentliche Tierethik als Grundlage einer theologischen Zoologie. In: Hagencord, Rainer (Hg.). Wenn sich Tiere in der Theologie tummeln. Ansätze einer theologischen Zoologie. Regensburg: Pustet, 2010, p. 38-56.

SCHROER, Silvia. **Die Tiere in der Bibel.** Eine kulturgeschichtliche Reise. Freiburg: Herder, 2010.

SCHWIENHORST-SCHÖNBERGER, Ludger. **Das Hohelied der Liebe.** Freiburg: Herder, 2015.

THÖNE, Yvonne Sophie. **Das Gleiche und das Andere.** Die Tierordnungen der Tora. Bibel und Kirche, v. 71, n. 4, p. 208-213, 2016.

ULRICH, Eugene (edt.). **The Biblical Qumran Scrolls.** Transcriptions and Textual Variants. Leiden: Brill, 2010.

WALTKE, Bruce; O'CONNOR, Michael P. **Introdução à Sintaxe do Hebraico Bíblico.** São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

ZAKOVITCH, Yair. **Das Hohelied.** Freiburg: Herder, 2004.

ZENGER, Erich. **Psalm 42/43.** Sehnsucht nach dem lebendigmachenden Gott. In: Hossfeld, Frank-Lothar; Zenger, Erich. **Die Psalmen I. Psalm 1–50.** Würzburg: Echter, 1993, p. 265-271.